

passa com aqueles que agora se consideram riscos maiores em Portugal. Com efeito, no respeitante a inundações e a fogos florestais há cada vez mais vulnerabilidades – independentemente de eventuais mudanças climáticas, o risco tem aumentado de ano para ano por virtude do aumento das vulnerabilidades.

Lições tiradas das inundações no sul de França em 2002

Fernando Rebelo

Crues du Gard 2002: retour d'expérience é o título de um livro recente publicado pelo Ministério da Ecologia e do Desenvolvimento Sustentável da França (Paris, La Documentation Française, 2004, 325 p.). Na contracapa explicita-se que a obra foi coordenada por Geneviève Baumont.

Na primeira página, como se correspondessem a um subtítulo, encontram-se duas perguntas escritas em grandes parangonas – *Inondations en Languedoc-Roussillon du 9 et 10 septembre 2002? Quels enseignements un an après?*

O sumário (p. 3-6) é perfeitamente elucidativo. Uma primeira parte, intitulada *Rapport de mission sur les crues de septembre 2002 dans les départements du Gard, de l'Hérault, du Vaucluse, des Bouches-du-Rhône, de l'Ardèche et de la Drôme*, contém 11 capítulos entre os quais um com os dados disponíveis que permitiram definir o acontecimento meteorológico de base – as precipitações registadas durante 48 horas, contadas a partir das 10 horas da manhã do dia 8. Em toda a área referida se registaram mais de 100 mm (p. 36), sendo que, no Gard, dois terços do departamento receberam mais de 300. O máximo registado foi de 687 mm em Anduze (Bassin des Gardons). Depois vem a caracterização da ocorrência hidrológica. Destaca-se o funcionamento do curso, onde funcionaram exsurgências desconhecidas (p. 39), bem como das bacias-vertente “tocadas em toda a sua totalidade”; numa delas (Gardons), com apenas 2000 km² de superfície, os caudais de ponta foram estimados entre 5000 e 7000 m³ por segundo, valores que são praticamente o dobro dos máximos atingidos nas grandes cheias do Mondego, em Coimbra (cfr. F. REBELO, 1995, nota infrapaginal da p. 7 – Fernandes Martins falava de um máximo de 3000; mais tarde, a Hidroprojecto calculou 3700 para a “cheia secular”). O principal rio da área envolvida, o Ródano, terá atingido, em Beaucaire, 10 500 m³/s, um valor que poderá ter um período de retorno de 50 anos (p. 44). Mas na primeira parte ainda se trata de muitos outros pontos importantes, como os prejuízos causados pelas cheias e pelas inundações, salientando que

Referências bibliográficas

- REBELO, Fernando (1997) – “Os sismos e a gestão de emergência em Lisboa”. *Territorium*, 4, p. 144.
- REBELO, Fernando (2003) – “A propósito de um Colóquio Internacional sobre Riscos Naturais (Paris, 2002)”. *Territorium*, 10, p. 121.

muitas vezes eles resultaram de aumento da vulnerabilidade – dissemos o mesmo, por várias vezes, quanto às inundações do Mondego na área de Coimbra e de Montemor-o-Velho. A análise da crise é, todavia, profunda e diversificada; não se esquecem, por exemplo, estruturas de prevenção, como a cartografia de riscos ou os avisos meteorológicos e hidrológicos que em certos casos não existiam ou não parecem ter sido suficientemente eficazes. Não se esquecem os planos de prevenção dos riscos, muitos dos quais ainda por fazer, nem as técnicas de construção ou a localização dos parques de campismo; um dos capítulos trata do comportamento das obras hidráulicas e da manutenção dos cursos de água. Tudo é amplamente discutido.

A segunda parte intitula-se *Colloque du pont du Gard du 8 septembre 2003 - Les inondations dans le Gard, quels enseignements un an après? Les contributions des scientifiques*. Para além de um resumo inicial das comunicações, organizado por Geneviève Baumont, vêm publicadas duas sínteses e oito comunicações, divididas por dois capítulos – “L'aléa naturel” e “Vulnérabilité et analyse des risques”. Daniel Duband inicia o primeiro capítulo com uma síntese das contribuições sobre o “aléa” natural; em seguida, Éric Brun destaca o carácter excepcional da ocorrência meteorológica; Luc Neppel compara esta com outras ocorrências semelhantes, não só em termos meteorológicos, mas também em termos de caudais atingidos; Maria del Carmen Llasat fala de fenómenos do mesmo género verificados na Catalunha; e Denis Coeur tenta interpretar as inundações do Gard de 2002 à luz da História falando de vários casos nos séculos XVIII e XIX. No segundo capítulo, Guillaume Benoit começa com uma síntese das contribuições sobre a vulnerabilidade e a análise dos riscos; depois, Bruno Ledoux trata dos diferentes tipos de prejuízos verificados; Pierre Valarié debruça-se sobre vulnerabilidades a nível demográfico e de ordenamento do território; Guillaume Benoit traz, seguidamente uma visão geográfica muito interessante sobre a bacia do Mediterrâneo no respeitante a alguns aspectos físicos e humanos; e, finalmente, Jean-Michel Grésillon

questiona-se sobre se a investigação pode enriquecer a acção sobre o terreno. A Geografia está presente na maior parte das comunicações, no entanto, e curiosamente, nenhum dos seus autores se apresenta como geógrafo...

O livro termina com cinco anexos (p. 303-314) e um longo índice de matérias (315-325). No seu conjunto, *Crues du Gard 2002: retour d'expérience* é uma obra muito importante para os responsáveis políticos, para os funcionários superiores das autarquias e para os investigadores da temática dos riscos que trabalham

nas regiões atingidas, mas o modo como todas as componentes deste complexo problema foram abordadas permite tirar lições para outras regiões mediterrâneas nas quais o nosso país também se integra.

Referência bibliográfica

REBELO, Fernando (1995) - «Hommes et érosion dans le centre et le nord du Portugal. Le cas du bassin du Mondego». *Territorium*, 2, p. 5-10.

A diversidade dos riscos ditos ecológicos

Fernando Rebelo

Da autoria de Loïc Chauveau, jornalista, colaborador de importantes revistas relacionadas com o ambiente, o *Petit atlas des risques écologiques* (Paris, Petite Encyclopédie Larousse, 2004, 128 p.) aflora, com um texto simples e muita ilustração de grande qualidade, uma enorme diversidade de riscos relacionados com o ambiente.

Depois de um curto prefácio, seguem-se seis capítulos pelos quais se distribuem os diferentes riscos ditos ecológicos. “L’atmosphère empoisonnée” é o primeiro capítulo e trata, entre outros temas, do efeito de estufa, das ameaças à camada de ozono e da poluição das cidades. O segundo, “L’or bleu en danger” dedica-se à água doce enquanto o terceiro, “Péril sur les océans”, se debruça sobre a água dos mares e tudo o que com ela se relaciona como, por exemplo, o litoral, os corais ou a pesca em exagero. Continuando com títulos sugestivos, o quarto capítulo intitula-se “Un sol nourricier surexploité”; aí se trata

da desertificação e da deflorestação, mas também da poluição química dos solos e da biodiversidade. “L’homme malade du progrès”, o quinto capítulo, dedica-se a problemas demográficos, de degradação do meio urbano, de lixo, de alimentação e saúde, de doenças, de consequências das guerras, etc. O último capítulo, “La société écologique” fala da ecologia, mas preocupa-se com a protecção do ambiente, com a gestão da água, com a reciclagem dos lixos e com as energias renováveis.

Dir-se-á que o livrinho é superficial, que não aprofunda os temas. Claro, ele é apenas uma pequena enciclopédia. No entanto, está cheio de informações e números, como de fotografias e mapas, não deixando de mostrar alguns esquemas muito didácticos. Em suma, o jornalismo científico tem o seu lugar na sociedade, podendo revelar-se fundamental na consciencialização do público leitor.